

**Cibercultura e *fake news*:
desvendando as mentiras digitais**

*Cyberculture and fake news:
unveiling digital lies*

Mariana de Mello BORGES¹

Resumo

Explorando a interseção entre cibercultura e *fake news*, o presente artigo analisa a evolução do conceito de mentira na era digital. Além de destacar a influência da cibercultura, marcada pela inteligência coletiva e ciberespaço, na rápida disseminação de notícias falsas; o texto apresenta exemplos históricos de manipulação da informação para evidenciar a persistência das mentiras ao longo do tempo. Ao analisar a interação entre cibercultura e discurso digital, evidenciando a transformação na disseminação de falsidades no século XXI devido à facilidade e baixo custo na produção e propagação de informações incorretas, se ressalta a importância da linguagem na concepção e difusão de notícias falsas. Além de propor o termo “mentiras digitais” como uma alternativa para descrever esse fenômeno desinformativo, a produção explora tal conceito, caracterizando-o como falsidades circulando no ambiente digital.

Palavras-chave: Cibercultura. *Fake news*. Mentiras digitais.

Abstract

Exploring the intersection between cyberculture and fake news, this article analyzes the evolution of the concept of lies in the digital age. It highlights the influence of cyberculture, marked by collective intelligence and cyberspace, on the rapid dissemination of false news. The text presents historical examples of information manipulation to demonstrate the persistence of lies over time. By examining the interaction between cyberculture and digital discourse, the article emphasizes the transformation in the spread of falsehoods in the 21st century due to the ease and low cost of producing and disseminating incorrect information. The importance of language in the conception and diffusion of false news is underscored. Additionally, the term "digital lies" is proposed as an alternative to describe this misinformation phenomenon. The article explores this concept, characterizing it as falsehoods circulating in the digital environment.

Keywords: Cyberculture. Fake news. Digital lies.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: borgesm@alunos.utfpr.edu.br

Introdução

Etimologicamente, em sua forma original no latim, a palavra “mentira” se refere ao termo *mentīri*; que sugere que a falsidade é criada a partir de conhecimentos firmes, sendo caracterizada quase como uma verdade distorcida (Veschi, 2019). É impossível negar que o universo linguístico da ausência de verdade é vasto, afinal, ele se expande desde a Roma Antiga até a atualidade, ganhando nos dias de hoje o rótulo de *fake news*². O que tanto difere a manipulação da informação nesses séculos que passaram é a aceleração e o modo como a mesma é moldada pelos processos oriundos dos avanços tecnológicos, aqui se destaca principalmente a cibercultura.

Nesse universo é possível refletir teoricamente sobre a produção e compartilhamento digital do conhecimento, possibilitados pelas mais variadas interfaces e processos desenvolvidas graças ao avanço da tecnologia. Aqui é possível identificar exemplos cotidianos, como as aulas *online* durante a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19). Durante o período de isolamento social, decretado pelas autoridades governamentais para conter a propagação do vírus, centenas de milhares de estudantes acompanharam as aulas por meio de seus dispositivos eletrônicos, revolucionando o ensino a distância como jamais fora visto anteriormente. Os processos sociais construídos entre docentes e discentes sem ter a necessidade de estar no mesmo ambiente físico sincronamente podem parecer estranhos, como já pontuava o teórico Pierre Lévy em 1999. Mas esse sentimento ocorre justamente pela separação das atividades e dos próprios processos sociais na interação humano-máquina-humano. Neste ponto há intervenção da “inteligência coletiva, um dos principais motores da cibercultura” (Lévy, 1999, p.28), conceito que representa a sinergia resultante da cooperação e interação de indivíduos conectados em tecnologias digitais que permitem o desenvolvimento de um processo avançado de construção e utilização do conhecimento (Lévy, 2003).

Suportando a inteligência coletiva, o ciberespaço condiciona seu desenvolvimento, assim a cultura digital, mais conhecida como cibercultura, é retroativa devido a automanutenção da revolução das redes digitais (Lévy, 1999, p.29). Sobre os conceitos de cibercultura e ciberespaço, Lévy, pesquisador francês pioneiro na temática, explica que o ciberespaço representa um ambiente simbólico no qual as comunidades

² Notícias falsas, em tradução literal para a língua portuguesa.

virtuais se formam; sendo um espaço de interação que dispensa a presença física do indivíduo para estabelecer a comunicação como um meio de conexão, destacando o papel da imaginação na criação de uma identidade anônima capaz de se relacionar com outros (Lévy, 1999, p.272). A cibercultura, por sua vez, se refere à cultura gerada no ciberespaço, entendido como um domínio de disseminação de informações, um cenário de comunicação virtual que não está em contraposição ao mundo real (Lévy, 1999, p.272). Para Rüdiger, também reconhecido na temática, cibercultura “representa o conjunto de práticas e representações que surge e se desenvolve com a crescente mediação da vida cotidiana pelas tecnologias de informação, e assim, pelo pensamento cibernético e pela civilização maquinística; apareceu como termo nos anos 1960” (Rüdiger, 2011, p.301).

Ambos os autores convergem ao reconhecer a influência significativa do ciberespaço na formação da cibercultura. Atualmente, a discussão sobre *fake news* pode, e deve, ser vinculada a essas reflexões, considerando como a cibercultura, influenciada pela rápida disseminação de informações no ciberespaço, afeta a origem e a propagação desse fenômeno. Notórias por difundir mentiras de maneira mais rápida e ampla do que as informações verdadeiras, as notícias falsas ganham força na era informacional inaugurada pelo ciberespaço; uma vez que este possibilita o compartilhamento de conteúdo produzido por qualquer pessoa com qualquer pessoa “pois os dados não são mais filtrados pelos procedimentos tradicionais e a quantidade de informação que um indivíduo recebe supera sua capacidade de processá-la” (Alves et al., 2020, p.149).

Frente ao exposto, a presente produção intenta explorar no cenário da cibercultura o fenômeno desinformativo das *fake news*. Mais especificamente, tem o objetivo de levantar um arcabouço teórico para rotular notícias falsas de uma maneira mais simples, como simples mentiras que sempre existiram na história da humanidade mas que ganham força (e uma nova nomenclatura) no ciberespaço.

A cibercultura e o discurso digital

Não existem registros da primeira mentira, ou até mesmo da primeira verdade, na história da humanidade. O conceito de verdade por si só é elusivo na metafísica, e está sujeito a mutações nas ciências, onde uma nova descoberta pode subverter o que antes era considerado certo (Altares, 2018). No entanto, em nossos cotidianos, esta dinâmica é diferente.

(...) há coisas que aconteceram, e outras que não; mas os fatos, reais ou inventados, influenciam a nossa percepção e opinião. Desde a Antiguidade, verdade e mentira se misturaram muitíssimas vezes, e essas realidades falsas influenciaram nosso presente. Assim já escreveu o grande historiador francês Paul Veyne em seu ensaio *Os Gregos Acreditavam em Seus Mitos?* (Unesp): “Os homens não encontram a verdade, a constroem, como constroem sua história”. (Altares, 2018, s/p)

No decorrer dos séculos a mentira persiste, como evidenciado por um exemplo marcante na Roma Antiga; quando Otávio, futuro imperador romano, espalhou mentiras sobre Marco Antônio³ durante o Segundo Triunvirato. Além de o acusar de ser um mulherengo bêbado em breves inscrições (The Trust Project, 2021), o político utilizou uma suposta falsificação de testamento para incitar a opinião pública contra Antônio. Essa estratégia foi um ponto crucial na ascensão de Otávio ao poder. Outro caso ilustrativo da influência da manipulação da informação na história é a disseminação de notícias na Idade Média, período em que, apesar das limitações materiais, a transmissão de informações ocorria com notável eficácia. A professora Claude Gauvard, ao investigar esse período, destacou que a velocidade de transmissão de informações dependia do interesse da notícia e dos meios utilizados (Altares, 2018).

As ordens mendicantes tinham um papel importante na disseminação de informações, assim como os jograis, os peregrinos e os vagabundos, porque todos eles percorriam grandes distâncias. As cidades também tinham correios organizados e selos para lacrar mensagens e tentar certificar a veracidade das correspondências. Graças a tudo isto, a circulação de boatos era intensa e politicamente relevante. Gauvard cita como exemplo de fake news clássica da era medieval a história do rei, conde ou senhor que desaparece na batalha e reaparece muito depois, idoso e transformado. (Altares, 2018, s/p)

As mentiras acompanham a história humana com suas mais diversas motivações e formatos ao longo do tempo. No século XXI, uma mudança significativa na propagação das mentiras ocorre devido à rapidez, simplicidade e baixo custo na produção e disseminação de informações falsas, impulsionadas pela interconexão em rede; isso resulta em uma rápida proliferação global, como destacado pelo Trust Project (2021). É importante pontuar que nem todos têm acesso a essa conectividade. Em 2021, mais de

³ Amante da rainha egípcia Cleópatra.

um terço da população mundial não possuía acesso à *internet*, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) - mesmo considerando o avanço tecnológico impulsionado pela pandemia de COVID-19 (Presse, 2021).

Entretanto, apesar desse dado, mais de 60,6% da população global estava *online* no ano de 2022, alcançando cerca de 4,88 bilhões de usuários, segundo pesquisas da Kepios, uma organização especializada em comportamentos digitais (GHZ, 2023). Especialmente no Brasil a população está mais vinculada do que a média global, com 84% dos cidadãos conectados, conforme relatado por Tavares e Buono (2023), sendo que a maioria acessa a rede principalmente pelo celular (CNN, 2023). Considerando a afirmação de que “as notícias falsas se disseminam 70% mais rapidamente do que as verdadeiras e alcançam um público muito mais amplo” (Correio Braziliense, 2018), é crucial estabelecer uma ligação entre o conceito anteriormente abordado do ciberespaço e as *fake news*. Afinal, nesse contexto, se torna praticamente inevitável que qualquer indivíduo que faça uso da *internet* não tenha se deparado com informações falsas nos meios digitais.

Se destaca a dificuldade em obter dados precisos sobre a disseminação de informações falsas no ciberespaço, dada sua natureza dinâmica e descentralizada. Adicionalmente, muitas dessas falsidades podem circular em ambientes restritos, como grupos privados em redes sociais digitais, o que torna ainda mais desafiador quantificar seu alcance. Esta falta de informações precisas ressalta a complexidade das notícias falsas e sua conexão intrínseca com a cibercultura. Neste enquadramento, a cibercultura, como expressão da cultura contemporânea no ciberespaço, exerce e sofre influência na forma como as informações são produzidas, compartilhadas e consumidas no meio *online*. Também, se ressalta que a propagação de mentiras é impulsionada pela velocidade e facilidade de compartilhamento proporcionadas pela própria cibercultura, onde a interconexão digital é uma característica proeminente.

Mentiras digitais: um abraço brasileiro das *fake news*

Na prática, para além do viés da linguagem, não há grande diferença entre os termos “mentira” e “*fake news*”. Conforme mencionado por Delmazo e Valente (2017), a presença de notícias falsas, narrativas inventadas, boatos e manchetes projetadas atencões dos leitores não é uma novidade na história humana.

Darnton (2017) relembra o surgimento dos pasquins, na Itália do século XVI, que se transformaram em um meio para difundir notícias desagradáveis, em sua maioria falsas, sobre personagens públicos. Também recorda o surgimento dos Canards, gazetas com falsas notícias que circularam em Paris a partir do século XVII. McGuillen (2017) pesquisou as notícias fabricadas na Alemanha do século XIX por falsos correspondentes estrangeiros. Dado o alto custo de enviar repórteres para o exterior, escritores da equipa local fingiram que estavam a enviar textos do exterior. Um dos casos mais emblemáticos é o de Theodor Fontaine. Nos anos 1860, ele escreveu “de Londres” durante uma década para o jornal ultra-conservador de Berlim, Kreuzzeitung, com minúcias e relatos pessoais emocionantes, sem nunca ter estado ali nesses anos. (Delmazo e Valente, 2017, p.156)

Marcondes Filho (*apud* Figueira e Santos, 2019) destaca que a presença de *fake news* não constitui uma novidade na prática jornalística (Figueira e Santos, 2019, p.18). Ao examinar o panorama contemporâneo, ele ressalta que o fenômeno desinformativo não é algo recente, remontando à guerra contra a Espanha no final do século XIX, quando influentes jornais norte-americanos, liderados por figuras como Pulitzer e Hearst, moldaram a opinião pública a favor do conflito (Figueira e Santos, 2019, p.18). Esse padrão de manipulação da informação também é observado por Filho ao analisar Karl Kraus, um dramaturgo e jornalista que denunciou campanhas da imprensa austríaca antes e após a Primeira Guerra Mundial, assim como a manipulação da imprensa alemã para instigar a população civil a apoiar a retomada dos conflitos bélicos (Figueira e Santos, 2019, p.18). No contexto do século XX, durante o período liberal, a imprensa burguesa desempenhou o papel de porta-voz de grupos econômicos e políticos, promovendo suas opiniões, apesar de serem numericamente minoritárias, mas exercendo um poder significativo no controle dos meios de comunicação (*in* Figueira e Santos, 2019, p.18). Essa influência se manifestou na ampliação e disseminação da visão de mundo desses grupos, que, embora se apresentassem como objetiva e imparcial, eram, na realidade, uma mentira devido à distorção da verdade. Partindo do pressuposto que as *fake news* sempre existiram, embora com diferentes rótulos nominais, a atual intensidade frente à prática está ligada à sua combinação com “transformações na política e à intervenção da internet nas decisões políticas, alterando radicalmente o debate, especialmente em momentos de crise” (*in* Figueira e Santos, 2019, p.19).

O termo “mentira digital” não é inédito - inclusive nomeia a obra *O poder das mentiras digitais: a ameaça das deepfakes para a sociedade* (Joanguete, 2023) que também trabalha sobre as fake news porém de maneira mais nichada, olhando

especificamente pela manipulação de vídeo, intitulada de *deepfake*⁴ - mas talvez seja a grande interseção entre “mentira” e “*fake news*” quando se reflete sobre a desinformação no viés da linguagem. Isto porque ambos os termos denotam a falsidade em aspectos diferentes: mentira é uma expressão ampla que concerne a deturpação da verdade, enquanto *fake news*, como será explorado em breve, são conteúdos mentirosos. Entretanto, a interconexão entre os termos é evidente quando se considera que a linguagem é usada como uma ferramenta crucial na criação e disseminação de notícias falsas.

No contexto da desinformação, este sistema é manipulado de várias maneiras para construir narrativas enganosas. Estratégias retóricas, como a escolha cuidadosa de palavras, a manipulação da estrutura de argumentos e o uso de técnicas persuasivas, são empregadas para tornar as *fake news* mais convincentes (Borges, 2021). Mentira digital seria talvez a melhor forma de rotular e abrigar as *fake news*, até porque a tradução literal do termo para português seria “notícia falsa”, o que é dúbio e contraditório uma vez que os pressupostos do jornalismo entendem que notícias sempre tratam de verdade, outra opção de termo de substituição seria a desinformação, que já está sendo utilizada por agências de checagem no Brasil (Vargas, 2021).

O entendimento é que uma notícia só pode ser notícia se for verdadeira, logo, não pode existir uma notícia falsa. Por isso, o termo *fake news* está ficando cada vez mais distante do vocabulário de jornalistas e profissionais da área da comunicação. Para substituir a expressão da língua inglesa, “desinformação” passou a ser a palavra da vez para definir esses casos. Segundo o dicionário “Oxford”, esse substantivo feminino significa: “informação falsa, dada no propósito de confundir ou induzir a erro”. (Vargas, 2021, s/p)

Do ponto de vista literal, mentiras digitais seriam simplesmente as falsidades que circulam no ambiente digital, no interconectado ciberespaço. Estas, poderiam muito bem substituir o termo *fake news* e abraçar sua caracterização. Apenas a título de pontuação, vale nesta seção, fazer uma breve delimitação conceitual sobre as notícias falsas, ou melhor, mentiras digitais.

⁴ A expressão *deepfake*, que não possui tradução literal para língua portuguesa, refere-se aos vídeos e fotos desenvolvidos por Redes Adversariais Generativas (GAN's) com intuito de recriar digitalmente uma situação, regularmente colocando-a em um contexto enganoso ou irreal (Borges, 2022).

As notícias falsas representam um problema significativo relacionado à desinformação, cuja prevalência tem aumentado nos últimos anos devido à facilidade de produção e disseminação de conteúdo no ciberespaço (Borges, 2022).

Tendo adquirido sua notoriedade por conta da repercussão nas redes sociais impulsionada pela corrida eleitoral estadunidense de Donald Trump em 2016, segundo Lazer et al. (2018) as fake news se caracterizam, na maior parte das vezes, por imitarem visualmente artigos jornalísticos e cujo conteúdo não apresenta fatos precisos. Comumente, produções desta natureza falaciosa possuem informações incompletas, erradas e até mesmo inventadas. Importante ressaltar que é possível verificar a credibilidade das informações contidas nas peças inverídicas por meio de agências de checagem, e estas se diferem das outras deformações negativas da comunicação digital presentes na desinformação - como pós-verdade e deepfake que serão pontuadas na sequência - por terem uma disseminação rápida com alcance muito maior do que notícias verdadeiras (Vosoughi; Roy; Aral, 2018 *in* Borges, 2022, p.16)

Vasconcelos (2021) relembra que o Cambridge Dictionary caracteriza as *fake news* como narrativas enganosas que, ao se disfarçarem de notícias, se propagam pela internet, frequentemente com o intuito de influenciar opiniões políticas ou como uma forma de humor (Vasconcelos, 2021, p.47). Morais Filho (2020) retoma a ideia já previamente discutida de que, como expressão, as notícias falsas não são novidades do século XXI.

(...) é um termo mais antigo; teria surgido na Inglaterra em 1828, segundo o dicionário de Merriam-Webster. Seu significado, mais autoexplicativo, refere-se às notícias veiculadas sem suporte fático. Em que pese a idade, o termo voltou a circular no contexto de dois importantes processos de sufrágio: as eleições presidenciais estadunidenses e o referendo sobre a saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido como Brexit. (Morais Filho, 2020, p.15)

Enquanto alguns autores destacam que as *fake news* representam uma forma inovadora de disseminar desinformação na esfera política, caracterizadas por informações duvidosas e impulsionadas por motivos lucrativos (Guess et al., 2018, p. 2), outros pensadores são mais diretos, definindo esse fenômeno “como artigos de notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsos e podem enganar os leitores” (Allcott e

Gentzkow, 2017, p. 3, tradução própria⁵). Além da definição conceitual, a questão central é que essas falsidades encontram espaço no ambiente digital, especificamente no ciberespaço das redes sociais (Ellison e Boyd, 2013), se tornando assim parte fundamental do problema em questão.

As notícias falsas podem ser consideradas não apenas em termos da forma ou conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a sua circulação. Nesse sentido, o significado das notícias falsas não pode ser totalmente compreendido fora da sua circulação *online*. (Bounegru, 2017, p.8, tradução própria⁶)

Ao destacar um aspecto crucial ao abordar as notícias falsas, Bounegru (2017) ressalta que sua análise não deve se limitar apenas à forma ou conteúdo da mensagem. Em vez disso, é fundamental considerar as infra estruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a disseminação dessas informações enganosas. Ao reconhecer que o significado das *fake news* está intrinsecamente ligado à sua circulação *online*, se evidencia que o ambiente digital desempenha um papel significativo na propagação dessas mentiras. A compreensão plena das notícias falsas requer, portanto, uma análise abrangente que leve em conta não apenas o conteúdo, mas também o contexto digital em que são compartilhadas e consumidas. Esse entendimento mais amplo é essencial para desenvolver estratégias eficazes no combate às mentiras digitais e na promoção de uma informação mais precisa e confiável.

Considerações finais

Para sintetizar, a análise da conexão entre a cibercultura e as *fake news* revela um cenário desafiador e multifacetado no campo da comunicação contemporânea. A evolução das falsidades na era digital demonstra que, embora as inverdades sempre tenham existido ao longo da história, a cibercultura e o ciberespaço adicionaram novas

⁵ No original: “We define ‘fake news’ to be news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers” (Allcott e Gentzkow, 2017, p. 3).

⁶ No original: “In this sense fake news may be considered not just in terms of the form or content of the message, but also in terms of the mediating infrastructures, platforms and participatory cultures which facilitate its circulation. In this sense, the significance of fake news cannot be fully understood apart from its circulation online” (Bounegru, 2017, p.8).

camadas de complexidade à disseminação de informações enganosas. A velocidade e a amplitude com que as notícias falsas se propagam hoje estão intrinsecamente ligadas à dinâmica da inteligência coletiva, que combina a interação social em larga escala com a conveniência de uma disseminação quase instantânea, viabilizada pelas plataformas digitais e pelos algoritmos que priorizam o engajamento.

Nesse contexto, o conceito de “mentiras digitais” surge como uma designação particularmente apropriada para descrever esse fenômeno, uma vez que reflete não apenas o caráter das informações falsas, mas também a forma como elas se enraízam nas práticas e tecnologias modernas. O termo ressalta a necessidade de entender a desinformação em um espectro mais amplo, considerando não apenas o conteúdo das *fake news*, mas também os processos e dinâmicas sociais e tecnológicas que permitem sua criação, amplificação e consumo. Além disso, o impacto das notícias falsas vai além da esfera digital, influenciando opiniões, decisões políticas e até mesmo comportamentos coletivos. Isso reforça a urgência de desenvolver uma abordagem crítica e informada para lidar com o fenômeno. É essencial compreender como a cibercultura molda as formas de interação e percepção de realidade no ambiente digital, bem como os mecanismos que transformam rumores em narrativas convincentes, muitas vezes adotadas como verdade por grandes grupos.

Portanto, o combate às “mentiras digitais” não se limita à simples verificação de fatos, mas exige uma análise profunda das estruturas que sustentam a disseminação de *fake news*. Isso inclui a regulação das plataformas, o incentivo à educação midiática e o fortalecimento de uma cultura de responsabilidade e ética no uso da tecnologia. Somente assim será possível mitigar os danos causados por esse fenômeno e construir um ambiente comunicacional mais equilibrado e confiável na era da cibercultura.

Referências

'FAKE NEWS' SE ESPALHAM 70% MAIS RÁPIDO QUE NOTÍCIAS VERDADEIRAS, DIZ MIT. Correio Braziliense, 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml>. Acesso em: 10 nov., 2023.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 2017, vol 31(2), 211-236. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>>. Acesso em: 10 nov., 2023.

ALTARES, Guillermo. A longa história das notícias falsas. **El País**, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html>. Acesso em: 12 nov., 2023.

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das *fake news*: definição, combate e contexto. **Internet & Sociedade**, n.1, p.144-171, 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto/>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

BORGES, de Mello Mariana. Comunicação organizacional, educação midiática e os fenômenos da desinformação: estudo de caso de *fake news* relacionadas ao setor estatal de energia. (Curso de Comunicação Organizacional), **Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Curitiba, 2022.

BOUNEGRU, Liliana; GRAY, Jonathan; VENTURINI, Tommaso; MAURI, M. A Field Guide to Fake news. **A Field Guide to Fake news**, 2017. Disponível em: <<http://fakenews.publicdatalab.org/>>. Acesso em: 18 nov., 2023.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, [S. l.], v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ELLISON, N. B.; BOYD, D. M. Sociality through social network sites. In Dutton, W. H. (Ed.), *The Oxford Handbook of Internet Studies*. **Oxford: Oxford University Press**, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/7731305/Ellison_N_B_and_boyd_d_2013_Sociality_through_Social_Network_Sites_In_Dutton_W_H_Ed_The_Oxford_Handbook_of_Internet_Studies_Oxford_Oxford_University_Press_pp_151_172>. Acesso em: 18 nov., 2023.

FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio. **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. [s.l.] Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press, 2019.

GONZATTO, Regiane Aparecida. O funcionamento discursivo das fake news: e a produção de um digital storytelling. **Repositório Institucional UFSC**, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199884>>. Acesso em: 20 nov., 2023.

GUESS, Andrew W.; NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. Selective Exposure to Misinformation: Evidence from the consumption of fake news during the 2016 US presidential campaign. **Center for the Study of Democratic Politics of Princeton University**, 2018. Disponível em: <<https://csdp.princeton.edu/publications/selective-exposure-misinformation-evidence-consumption-fake-news-during-2016-us>>. Acesso em: 21 nov., 2023.

JOANGUETE, Celestino. **O poder das mentiras digitais**. [s.l.] Editora Dialética, 2023.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAIS DE 60% DA HUMANIDADE ESTÁ CONECTADA ÀS REDES SOCIAIS, DIZ RELATÓRIO. **GZH**, 2023. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2023/07/mais-de-60-da-humanidade-esta-conectada-as-redes-sociais-diz-relatorio-clkbjqi87002801j45u6881mf.html>>. Acesso em: 22 nov., 2023.

MORAIS FILHO, Luís Carlos. A estética e a circulação de Fake News durante a campanha presidencial de 2018: desafios à epistemologia da informação. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - **UTFPR**, Curitiba, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/5151>>. Acesso em: 18 nov., 2023.

PORTO, Douglas. Mais de 92 milhões de brasileiros acessam a internet apenas pelo celular, diz pesquisa. **CNN**, 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/mais-de-92-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet-apenas-pelo-celular-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 20 nov., 2023.

PRESSE, France. Mais de um terço da população mundial não tem conexão com a internet, segundo a ONU. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/12/01/mais-de-um-terco-da-populacao-mundial-nao-tem-conexao-com-a-internet-segundo-a-onu.ghtml>>. Acesso em: 18 nov., 2023.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TAVARES, Pedro; BUONO, Renata. Entre 2013 e 2023, número de usuários de internet no Brasil aumentou 78%. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/entre-2013-e-2023-numero-de-usuarios-de-internet-no-brasil-aumentou-78/>> Acesso em: 18 nov., 2023.

THE TRUST PROJECT. A desinformação na história. **Manual da credibilidade**, 2021. Disponível em: <<https://www.manualdacredibilidade.com.br/historia>>. Acesso em: 18 nov., 2023.

VARGAS, Emanuel. Expressão "fake news" tem sido substituída por "desinformação". Mas por quê? **Rede Gazeta**, 2021. Disponível em: <<https://www.redegazeta.com.br/residencia/2021/09/24/expressao-fake-news-tem-sido-substituida-por-desinformacao-mas-por-que/>>. Acesso em: 19 nov., 2023.

VASCONCELOS, Fredimir Alex. Fake news das eleições de 2018: entre a cultura isolada e a influência eleitoral. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - **UTFPR**, Curitiba, 2021. Disponível em: <<http://riut.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/25667>>. Acesso em: 18 nov., 2023.

VESCHI, Benjamin. Etimologia de mentira. **Etimologia**, 2019. Disponível em: <<https://etimologia.com.br/mentira/>>. Acesso em: 18 nov., 2023.